

## RECADO DE PARIS

Cousas do Brasil,  
que o francês não  
compreende

PARIS, novembro — (Via Panair) — “Le Figaro Littéraire” conta o espanto do sr. Hirsh, administrador da Ópera, com seu empresário do Rio. A certa altura o sr. Hirsh pediu-lhe que fizesse com que um certo documento fosse assinado pelo presidente da firma. “Pois não, êle está no carro; é meu chauffeur. O sr. Hirsh perguntou então se não era preciso reconhecer a firma. “E’ sim; eu reconheço, eu sou notário”. E tirando um carimbo do bolso, reconheceu a firma.

Deve ser coisa do sr. Barreto Pinto. Apenas “Le Figaro Littéraire” e o sr. Hirsh que se espantam tanto com essa história, não sabem que êle, além disso, é deputado... e é capaz de fazer coisas bêm mais espantosas.

—x—

### LITERATURA, CINEMA, O VULCAO E O AMOR

Quem já viu a imensa edição das cartas de Voltaire deve ter paciência: vão ser publicadas mais algumas, até agora inéditas, em número de... 720. A edição (limitada a três mil exemplares) é de “Mercure de France”. Um preto da Martinica, Joseph Zobel, acaba de ganhar o “Prêmio dos Leitores” da França, com seu livro “La rue Cases-Nègres” que havia sido rejeitado por quatro editoras.

Esses críticos de cinema têm lá suas idéias. E’ comum ouvir um deles elogiar os silêncios do cinema falado. Agora o sr. Claude Mauriac diz que o que “Stromboli” tem de grande, às vezes, é “sua imobilidade”.

A maioria da crítica não gostou nem de “Stromboli”, o filme de Rosselini — Ingrid Bergman, nem de “Vulcano”, o filme de Magnani. Quase todos acharam de mau gosto essa publicidade em torno da “guerra dos vulcões” com o conhecido caso de amor no meio. Um deles escreveu que “Vulcano” é apenas um melodrama “mas indiscutivelmente só essa mulher poderia ter como “partenaire” um vulcão”.

Os telegramas da Italia dizem que o Stromboli entrou agora em erupção — “em sinal de protesto”, escreve um cronista francês. E outro: “Rosselini com “Stromboli” perdeu uma boa parte de seu prestígio, mas ganhou uma grande mulher.”

Rubem BRAGA